



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
Os Communards e a Arte: Courbet e Lukács			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Juarez Duayer	Universidade Federal Fluminense	UFF	Professor
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Gustav Courbet (1819-1877) e Georg Lukács (1885-1971) participaram ativamente da Comuna de Paris em 1871 e da Comuna Húngara de 1918. Dirigentes communards foram encarregados das questões culturais das comunas e das relações da arte e seus artistas. Engajado no combate político, Courbet, pintor realista renomado, presidiu na Comuna de Paris a comissão responsável pela preservação do patrimônio cultural, da proteção dos museus (que foram abertos ao povo) e da reforma da Beaux-Arts. Ao se referir à experiência da Comuna, Courbet considerou que a democracia deveria ser exercida em todos os âmbitos e que a arte, que faz avançar o mundo, não poderia ficar a reboque da revolução. Em abril de 1871 com outros pintores, escultores e artistas célebres, fundou a Federação dos Artistas que preconizava a total liberdade da arte em relação ao estado e o controle pelos artistas de suas obras. Derrotada a Comuna, Courbet, condenado ao exílio, foi responsabilizado e obrigado a pagar os custos da reconstrução da coluna de Vendôme, a estátua em homenagem a Napoleão, símbolo militarista do Segundo Império destruída pelos communards. Em 1873, exilou-se na Suíça, onde faleceu em 31 de dezembro de 1877.</p> <p>Lukács, filósofo, marxista, esteta adepto da arte realista e dirigente do PC Húngaro à época da Comuna, foi Vice-Ministro da Educação Pública (Vice-Comissário do Povo). Considerava que a tarefa cultural que competia à Comuna era o “revolucionamento das almas” a partir de um programa que considerava a “política apenas como um meio; o fim é a cultura”.</p> <p>A Comuna Húngara valorizou a tradição cultural e patrocinou a representação por grupos de trabalhadores, de obras de Lessing, Ibsen, Shaw e Molière. A exemplo da Comuna de Paris, os museus foram abertos ao povo. Expresso na Tomada de Posição do ministério “o programa cultural dos comunistas apenas faz distinção entre boa e má literatura ... Tudo o que tiver verdadeiro valor literário, venha de onde vier, encontrará apoio do Comissariado”. Sobre as relações da Comuna Húngara com a arte, Lukács escreveu no Jornal Vermelho que “O comissariado não quer uma arte oficial nem muito menos a ditadura da arte do partido”. Com a derrota da Comuna massacrada pelo governo Horty, Lukács é condenado à morte. Exila-se em Viena onde é preso e tem sua deportação exigida. A deportação é impedida por uma ampla mobilização de intelectuais europeus (Bloch, Paul Ernest, Thomas e Heirich Mann, entre outros). Lukács permaneceu em Viena até o fim dos anos 20.</p> <p>A lembrança das ações de Courbet nesses 140 anos da Comuna de Paris e de Lukács na Comuna Húngara por ocasião da passagem dos quarenta anos de sua morte, se constituem em um forte libelo contra todas as formas de cerceamento das liberdades individuais e uma enérgica defesa da liberdade de expressão e da autonomia da arte que deve sim andar junto com a Revolução, mas com total liberdade em relação ao Estado.</p> <p>Desta forma, face aos erros lamentáveis de experiências revolucionárias recentes, o exame da herança das experiências da Comuna de Paris e da Comuna Húngara, pode constituir-se em contribuição importante a esse debate no campo do marxismo, freqüentado, via de regra, pelo desconhecimento ou, o que é mais grave, pela omissão da herança marxiana sobre as relações entre arte, cultura e sociedade.</p>			

Communards, Gustav Courbet (1819-1877) e Georg Lukács (1885-1971) participaram intensamente das comunas de Paris (março a maio de 1871) e Húngara (março a julho de 1919) e sendo ambos responsáveis pelas questões da arte e da cultura.

Engajado no combate político, Courbet, pintor já renomado, principal representante da escola realista francesa presidiu na Comuna de Paris a comissão responsável pela preservação do patrimônio cultural, proteção dos museus (que foram abertos ao povo) e reforma da *Beaux-Arts*.

Em suas orientações para as políticas culturais da Comuna, Courbet considerava que a democracia deveria ser exercida em todos os âmbitos e que a arte - “*que faz avançar o mundo*” - não poderia, portanto, ficar a reboque da revolução.

Em abril de 1871, com outros 47 artistas célebres e opositores do Segundo Império (entre eles o escultor Dalou, os pintores Millet, Corot, Daumier, Monet) Courbet fundou e dirigiu a Federação dos Artistas. Responsável pela reforma da educação artística, pelos artistas e o mercado de suas obras, a Federação propunha a total liberdade da arte em relação ao Estado.

Sobre o clima cultural de Paris da época, Rogerie (2011:38) comenta que a proliferação das caricaturas “*communardes*” manifestavam a liberdade de expressão que caracterizou o curto período da Comuna.

Derrotada a Comuna em maio de 1871 (entre 20 a 30 mil soldados e simpatizantes foram mortos), Courbet é condenado a seis meses de prisão e obrigado a pagar os custos da reconstrução da coluna de Vendôme em cujo topo estava a estátua em homenagem a Napoleão I. A restauração do monumento tinha objetivo fazer com que o objeto voltasse “mais sedutor” ao seu lugar. A coluna “*é na justificativa do decreto communard, um impressionante ‘monumento ao militarismo’*. Ela cai entre o júbilo dos guardas nacionais que lotam a praça. Agitam-se bandeiras vermelhas. É o último grande ato público da Comuna” (González, 1979:76).¹ Em 1873 Courbet exilou-se na Suíça onde faleceu em 31 de dezembro de 1877.

Na Comuna Húngara de 1919 Lukács era dirigente do Partido Comunista Húngaro e foi Vice-Ministro da Educação Pública (Vice-Comissário do Povo) durante os 133 dias da República Proletária dos Conselhos. Para ele, a tarefa cultural que competia à Comuna era o “*revolucionamento das almas*” orientado por um programa em que “a política é apenas um meio; o fim é a cultura”.

O programa cultural dos comunistas húngaros expresso no documento do Ministério da Educação Pública e intitulado *Tomada de Posição*, fazia distinção apenas “*entre boa e má literatura ... Tudo o que tiver verdadeiro valor literário, venha de onde vier, encontrará apoio do*

¹ Para González, a derrubada da coluna não foi a única medida da Comuna para intervir na “reescritura” do espaço urbano: “Sua obra de governo está intimamente vinculada à supressão de ornamentos, repositórios ou sinais onde se evidenciam as concepções do mundo que animaram a história interior do Estado francês durante todo o século” (ibidem: 78).

Comissariado” (Netto, 1983:33). Ao valorizar a tradição cultural, esta perspectiva patrocinou a representação por grupos de trabalhadores, de obras de Lessing, Ibsen, Shaw, Molière e, a exemplo do que fizera Courbet na Comuna de Paris, abriu os museus ao povo. Chamo a atenção aqui muito rapidamente para o tratamento dado pela comuna à “questão da herança cultural”. Inspirada nos clássicos do marxismo, o “problema da herança”, se constituirá, não por acaso numa das linhas mestras das reflexões estéticas do “último” Lukács.

Sobre as relações da arte com a Comuna Húngara, Lukács escreveu à época, no *Jornal Vermelho*, em uma formulação também muito próxima de Courbet, que “*O comissariado não quer uma arte oficial nem muito menos a ditadura da arte do partido*” (ibidem: 33).

Sobre a “experiência de poder” de Lukács na comuna, a opinião de Konder é que, a despeito de algumas “*posições sectárias*”, ele adotou na direção da política cultural uma orientação inequivocamente

“democrática e pluralista” e “em nenhum momento, sua profunda e sincera preocupação com os autênticos valores da cultura lhe deixou margem para qualquer vacilação: a prioridade final da cultura repelia procedimentos voltados para instrumentalizá-la” (1980:38).

Com a derrota da Comuna massacrada pelo governo Horthy, Lukács é condenado à morte. Foge disfarçado de chofer para Viena onde é preso e tem sua deportação exigida. Uma ampla mobilização de intelectuais europeus (Paul Ernest, Franz Ferdinand Baumgarten, Heinrich e Thomas Mann, Ernest Bloch) com o argumento de que Lukács “*como filósofo, é um dos grandes, que só aparecem uma vez em cada geração*” impede que seja extraditado (Konder, 1980: 42). Os números da contra-revolução vitoriosa na Hungria impressionam: 5 mil execuções, 75 mil presos, 100 mil escaparam para o exílio. Lukács permaneceu em Viena até o fim dos anos 20.

Na atualidade das lembranças dos 140 anos da Comuna de Paris e dos quarenta anos da morte de Lukács, as políticas culturais de Courbet e as da República Proletária dos Conselhos da Comuna Húngara se constituem em forte libelo contra todas as formas de cerceamento da expressão artística e uma enérgica defesa da total liberdade da arte em relação ao Estado.

Desta forma, a lembrança das experiências das comunas de Paris e Húngara permanecem como contribuições duradouras a serem examinadas por concepções no campo do marxismo que, em inúmeras situações não conhece, ou - o que é mais grave - ignora a herança marxiana a respeito das relações entre arte, cultura, estado e sociedade.

Não são poucas as referências dos clássicos do marxismo às relações entre arte, cultura e sociedade.

A já mencionada questão da herança cultural da humanidade aparece na admiração de Marx e Engels pelos grandes nomes do realismo na literatura do século XIX, Balzac, em especial. Em Engels na enérgica recusa da instrumentalização da literatura e da crítica ao que ele denominava de “literatura de tendência”, que antecipa em décadas a contrafação do “realismo socialista” das políticas culturais do stalinismo.

Preocupações presentes nos primeiros anos da revolução russa nos textos em que Lênin e Trotski se posicionam contrariamente à idéia de uma “literatura e culturas proletárias” em defesa de uma “cultura verdadeiramente humana” e de uma arte revolucionária independente.

A mesma distinção que Victor Serge faz entre arte e política para denunciar os perigos do “utilitarismo literário”, distinção tanto mais importante, de acordo com Chasin, “*quanto mais se adverte que já se trata de um escrito de resistência pró-revolucionária no interior mesmo da revolução*”.²

Não obstante essa herança, é de se lamentar que ainda persistam sob a inspiração das políticas culturais do *Prolectcult* stalinista, os “*lamentáveis erros anteriores*” (Miskulin, 2009)³. Lukács conheceu bem essas práticas na União Soviética dos anos trinta e quarenta pelas críticas à “literatura proletária”.

Cabe, portanto, nesses 140 anos da Comuna de Paris, rememorar nas comunas de Courbet e Lukács a herança das melhores tradições das ações que envolvem as relações entre arte, revolução e emancipação humana.

Uma arte que para os dois *communards* deve andar junto com a Revolução, mas sempre em total liberdade em relação ao Estado, como queria o pintor francês.

Referencias bibliográficas

González, Horácio; *A Comuna de Paris: os assaltantes do céu*, São Paulo, Brasiliense, 1999.

Konder, Leandro; *Lukács*, L&PM Editores Ltda, Porto Alegre, 1980.

² José Chasin, Manifesto Editorial, in *Literatura e Revolução*, Victor Serge (1989:12). Para Serge, “*Quando a luta tiver terminado, a divisão da sociedade em classes for abolida, não haverá mais proletariado. A nova cultura nascente será verdadeiramente humana. Só num sentido restrito, portanto, é que se pode falar de cultura e literatura proletárias*” (ibdem: 97).

³ A reedição dos “lamentáveis erros anteriores” dizem respeito à análise de Sivia Miskilin das políticas culturais em Cuba nos anos sessenta e setenta, período conhecido como a *época gris*.

Miskulin, Sílvia; *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução 1961-1975*, São Paulo, Alameda, 2009.

Netto, José Paulo; *Georg Lukács (1885-1971)*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

Rougerie, Jacques ; *La Commune de Paris en 1871*, Mairie de Paris, 2011.

Serge, Victor: *Literatura e Revolução*, São Paulo: Ensaio, 1989. (Cadernos ensaio. Pequeno Formato; v.4).